



A
CHAMA DE
EMBER

COLLEEN HOUCK

AUTORA DE A MALDIÇÃO DO TIGRE

A CHAMA DE EMBER



PARA DANIEL E MITCHELL, QUE,
APESAR DE TEREM PESADELOS COM
OS MONSTROS, CONTINUAM ADORANDO
MEUS DESENHOS DO SCOOBY-DOO.



Eu avisto as colinas
Com bolas amarelas no outono.
Eu ilumino as plantações de milho da pradaria
Aglomerados cor de laranja e amarelo-acastanhado
E sou chamado de abóboras.
No fim de outubro
Quando a noite cai
Crianças se dão as mãos
E fazem roda em volta de mim
Entoando canções de fantasmas
E o amor pela lua da colheita;
Eu sou o Jack da lanterna
Com dentes horrorosos
E as crianças sabem
Que eu estou brincando.

- “Tema em amarelo”, de Carl Sandburg

1



ENCRUZILHADA

Jack estava no alto da ponte coberta, sentado em seu lugar preferido, abraçando a abóbora entalhada. Abrigar a brasa de sua imortalidade naquele fruto não tinha sido sua primeira opção, mas, bom, na verdade, nunca tinham lhe dado opção alguma.

Não era a primeira vez que ele ouvia falar de homens tolos que tinham feito pacto com o diabo. Quando era criança, cada vez que lhe contavam uma história assustadora em alguma longa noite de inverno, ele segurava as cobertas com força, puxando-as até o pescoço, imaginando fantasmas assustadores, demônios vermelhos ou monstros com garras afiadas que apareciam em meio a sombras dançantes, prontos para agarrar crianças distraídas e enganá-las com palavras sedutoras. A imaginação dele nunca chegara nem perto da verdade. E ele, com certeza, jamais tinha imaginado que aqueles diabos caminhavam pela terra como meros homens, vestidos de piratas, guardando um estoque de almas roubadas dentro de frutas e legumes.

O diabo que tinha alistado Jack quinhentos anos antes se chamava Rune. Jack mal se lembrava da cidadezinha que estava tentando salvar ao negociar com Rune, assim como do garoto que era naquela época. Já fazia muito tempo que os moradores da cidadezinha tinham morrido. Mas não Jack. Ele não era tão sortudo assim. Em vez disso, Jack estava preso a um trabalho monótono, o mesmo que Rune realizara no passado. E Jack tinha o prazer de ansiar por mais quinhentos anos fazendo exatamente a mesma coisa, entra dia, sai dia.

Não que o trabalho fosse muito difícil. Na maior parte do tempo, era tranquilo, mas, quando não era, ele fazia de tudo: de exportação de rebanhos inteiros de gremlins a esvaziamento de cavernas lotadas de lobisomens, passando por captura de um bando de morcegos do Outro Mundo. Jack nunca

tinha executado o serviço altamente perigoso de expulsar vampiros degenerados de seu ninho em uma necrópole subterrânea.

Ele reconhecia que o pirata Rune e seu andar gingado tinham vindo em seu socorro uma ou duas vezes, ajudando a evitar coisas que poderiam ter sido desastrosas. Mas Jack logo percebeu que não gostava da maneira como Rune lidava com os mortais. Nas mãos dele, muitos morriam ou ficavam loucos.

Até que Jack acabou nesse posto atual, uma cidadezinha tranquila da Nova Inglaterra chamada Hallowell que ficava em uma das encruzilhadas mais entediadas e pacatas de todo o Outro Mundo. Rune devia ter achado que Jack reclamaria de ter sido alocado ali, mas a cidadezinha era bonita, apesar de pequena. Havia muitos carvalhos e bordos grandes, olmos e cornisos para oferecer sombra durante o dia. E, no outono, as cores eram lindas. Aquela vida tranquila tinha lá suas vantagens.

Era uma vida solitária, mas Jack já costumava ficar sozinho.

Ele estava prestes a chamar seu cavalo para dar uma volta pela floresta em meio às folhas vermelhas, alaranjadas e amarelas que caíam feito chuva sobre sua cabeça quando ouviu um barulho.

– Você tem mesmo que ficar sentado aí, tão no alto assim? – resmungou Rune, saindo de baixo da ponte coberta e erguendo os olhos para ele.

Um rastro de fumaça seguia aquele homem grande, empoçando-se ao redor das botas reluzentes e com os dedos longos acariciando os calcanhares dele. Rune deu um passo à frente, tirou as luvas de couro preto e passou a mão na barba curta bem desenhada, aparada em linhas e curvas finas.

– Assim alguém pode passar por você antes que dê para intervir. Além disso, eu detesto ter que esticar o pescoço para conversar.

– Eu gosto de deixar minha abóbora bem longe da estrada para não correr o risco de ela ser pisoteada. – Jack deu de ombros. – Além do mais, eu escutaria qualquer pessoa chegando muito antes que ela se aproximasse.

A abóbora de Jack nunca envelhecia nem se decompunha, mas podia quebrar, e isso faria com que sua alma ficasse vulnerável.

– É verdade.

Rune tocou no brinco em forma de vaga-lume, que era um recipiente bem melhor que uma abóbora gorda, em termos de lanterna para esconder sua brasa. Ele sorriu para Jack. O cabelo desgrenhado que escapava da trança malfeita batia nos ombros; preto a não ser pela mecha branca que caía sobre os olhos.

– Suponho, então, que seja uma boa escolha.

– O que é que você quer, Rune? – perguntou Jack.

– Ouvi um boato.

– Em relação a quê?

– À sua cidade. Parece que tem um vento de bruxaria soprando, e está vindo da sua encruzilhada.

– Da *minha* encruzilhada? – indagou Jack e saltou do lugar onde estava, carregando a abóbora e pousando com suavidade ao lado de Rune. Ele se sentiu magro e pálido ao lado de Rune com sua pele bronzeada e sua camisa de seda com um decote em V bem fundo na frente. – Tem certeza?

Todos os lanternas eram notificados quando um vento de bruxaria soprava. O Senhor do Outro Mundo juntava ventos do mundo mortal em um enorme funil. Na maior parte do tempo, os ventos que sopravam pela encruzilhada eram normais, mas, de vez em quando, um vento especial surgia para indicar que uma bruxa tinha adquirido força suficiente não apenas para penetrar no Outro Mundo, mas para destruí-lo por completo. A menos que a bruxa ou o bruxo fosse capturado e sua energia fosse contida, o Outro Mundo em sua atual forma poderia ser destruído. Só uma bruxa tinha permissão para estar no Outro Mundo. Além de ter a tarefa de evitar sua destruição, ela também era encarregada de administrá-lo. Ela era a bruxa superior, a esposa do Senhor e aquela que fornecia toda a energia mágica daquele reino. Todas as outras representavam um perigo temível.

– Há rumores – insistiu Rune. – No vento há rumores sobre a existência de uma bruxa poderosa. Muito mais habilidosa do que qualquer outra com que tenhamos lidado antes.

A luz que Rune emanava brilhou mais forte, o brinco dele piscou e a pele bronzeada se acendeu, mostrando o esqueleto que havia por baixo.

– Você deve estar enganado. – Jack suspirou. – Eu dei uma olhada embaixo da pele de cada morador desta cidadezinha. Não tem nem um pinga de sangue de bruxa entre eles.

Estava aliviado de poder dizer a verdade absoluta para Rune, pelo menos desta vez. Hallowell era cheia de mortais muito contentes e felizes.

– Não é que eu esteja duvidando da sua capacidade, Jack – explicou Rune e lançou a Jack um olhar tão significativo que o fez estremecer. – Eu só preciso verificar pessoalmente. Você entende, né?

Jack fez um aceno resignado e Rune disparou seu vaga-lume acima da cidade. Ele se moveu em grande velocidade de um lado para outro, fazendo uma pausa de vez em quando enquanto o lanternas olhava para o nada,

enxergando através do olho de sua luz. Seus olhos brilharam com uma luz prateada até, enfim, se apagarem.

– Eu bem que disse – comentou Jack. – Será que ela não se enganou sobre a localização? Poderia pedir para a bruxa superior procurar de novo.

– Se um vento de bruxaria está soprando, pode ter certeza de que tem uma bruxa ou um feiticeiro por aí. Olha, eu só estou pedindo para prestar atenção. Fique de prontidão. E, se vir algo, conte para mim. – Deu um tapa nas costas de Jack. – Não se preocupe, garoto. Se não der conta do serviço, eu sempre estarei aqui para ajudar.

Jack franziu a testa, irritado com a indireta.

– Certo. Mando avisar se eu encontrar qualquer vestígio de bruxa.

– Faça isso mesmo.

Rune foi embora e Jack desistiu de seu passeio matutino a cavalo, pois estava se sentindo muito disperso. Ficou lá, pensando em como era estranho um vento de bruxaria ter soprado no território dele três vezes. A maior parte dos lanternas nunca tinha visto isso acontecer, mas ele testemunhou quando bruxas foram detectadas tanto em Roanoke quanto em Salem. Não fazia sentido. Talvez ele simplesmente fosse muito azarado.

Passou o dia inteiro pensando nisso, enquanto percorria os arredores da cidade, e depois, quando se acomodou no alto de sua ponte para passar a noite. A luz tremeluzia em sua abóbora e ele a virou para poder traçar o contorno dos olhos com a ponta do dedo. Fazia muito tempo que ele tinha retirado a polpa do globo cor de laranja e entalhado uma boca sorridente. Sua única companhia em dias longos e noites ainda mais longas. Ele achava reconfortante ver sua brasa brilhando na expressão da abóbora. A luz o aquecia, dando-lhe esperança de que, de algum modo, em algum lugar, havia uma fagulha de liberdade à sua espera, mesmo que fosse no final de uma estrada muito longa e cansativa.

Jack tinha acabado de cair no sono quando ouviu o ribombar de cascos batendo na estrada que levava à cidade. Ele chamou seu garanhão negro e saltou, deixando a ponte e aterrissando no lombo do cavalo enorme quando ele se materializou, vindo do Outro Mundo, com vapor saindo pelas narinas e os olhos brilhando com fogo. O cavalo empinou e Jack, com a abóbora embaixo do braço, golpeou os flancos do cavalo com os pés. Os dois saíram galopando na direção da estrada.

Parou na colina e viu uma carruagem reluzente e nova, puxada por uma bela parelha de cavalos e que avançava com rapidez pelo caminho. Jack pre-

feriu não se revelar, mas enviou um vento lamurioso que assustou o cocheiro. O homem olhou de um lado para outro e estalou o chicote para fazer a parelha galopar mais rápido.

Jack, o lanterna, ficou ali sentado, só observando enquanto a carruagem se dirigia à cidadezinha. Bem quando o veículo passou por ele, a cortina se moveu e um rosto pequeno e pálido foi iluminado por um raio de luar. Era uma menina de olhos arregalados, o cabelo castanho caindo em cachinhos. Ela colocou as mãos no vidro e sua boca cor-de-rosa se abriu em um círculo quando ela olhou direto para ele.

2



ROANOKE

Claro que ela era uma jovem bruxa. A bruxa superior tinha razão no final das contas.

Ember O'Dare era a única bruxa da cidadezinha e, sem ninguém para ensiná-la, cometeu muitos erros. Uma vez, ela transformou os gatinhos de sua tia-avó em leitões e só conseguiu fazer dois voltarem a ser gatos. Quando a tia-avó perguntou sobre a ninhada, Ember simplesmente entregou à senhora de idade o mesmo gatinho duas vezes e ela nem percebeu.

Outra vez, ela chamoscou as próprias sobrancelhas na tentativa de cortar o cabelo com magia. Jack, que tinha decidido ficar de olho na pequena bruxa em vez de delatá-la, tinha se disfarçado com folhas e deu risada, empoleirado em uma árvore, quando viu a fumaça subir e ela gritou para o céu que não tinha graça nenhuma.

Ela logo adquiriu o hábito de usar pequenos feitiços, como estalar os dedos para terminar suas tarefas domésticas, mexer o nariz para que espigas de milho recém-colhidas se debulhassem sozinhas ou soprar um beijo para convencer meninos a carregarem seus livros na ida e na volta da escola.

Jack costumava ir atrás dela, sempre escondido, disfarçado de vento, de névoa pairando sobre o solo ou de raio de sol, observando-a com atenção.

Ele não a entregou a Rune ou ao Senhor do Outro Mundo nem quando Ember se transformou em uma moça adorável e bruxa poderosa. Ele já tinha visto com os próprios olhos o que eles eram capazes de fazer.

A primeira vez que um vento de bruxaria soprou em seu território foi quando Jack estava de vigia em Roanoke, em 1587. Ele cuidava da pequena colônia que tinha erguido seu vilarejo um pouco perto demais de sua encruzilhada. O nome da bruxa local era Eleanor Dare. Ela era poderosa, Jack sabia, mas também era boa. Eleanor costumava caminhar pela floresta em

busca de ervas e plantas, sempre cantarolando. Enquanto ele olhava para ela cheio de desconfiança, a bruxa se dirigia a Jack com educação, acenando para ele, mas o deixando em paz.

Às vezes, ele indicava a ela a localização correta de diversas plantas e, em troca, aceitava suas oferendas de pães frescos ou cestinhas de frutas silvestres. Jack não precisava comer, mas apreciava os pequenos gestos e a gentileza que ela lhe dispensava. Uma vez, ela perguntou a respeito do Outro Mundo, dizendo que tinha ouvido falar que o Senhor do Outro Mundo caçava bruxas.

– Só as perigosas – respondeu Jack, irrequieto.

Ninguém tinha dito a Jack que ele não podia fazer amizade com uma bruxa, pelo menos não diretamente. Três meses se passaram sem qualquer indício de que o Senhor do Outro Mundo estivesse caçando uma bruxa. Eleanor deu à luz uma menininha muito doce que chorava bem alto e tinha cabelo escuro. Jack se acomodou em uma rotina confortável e até passou a observar Eleanor às vezes, quando ela ia colher suas plantas.

Um dia, tudo estava bem. Então veio o chamado. O vento de bruxaria estava soprando. Eleanor e sua filha desapareceram. Uma semana depois, coisas estranhas começaram a acontecer.

Homens urravam e arrancavam o próprio cabelo ao se transformarem em monstros com jeito de lobo à luz do luar. Outros ficavam paralisados de tal jeito que pareciam mortos e eram enterrados, mas se levantavam à noite para perseguir os vizinhos e beber seu sangue. Alguns se transformavam em animais minúsculos com costas arqueadas e rosto coberto de verrugas. Corriam para dentro de árvores e viviam em troncos ocos. Todos os mortais se transformaram em criaturas do Outro Mundo.

Jack sabia o que estava acontecendo: os dois reinos estavam se fundindo. Ele sabia que isso só acontecia quando uma bruxa passava para o outro lado, mas tinha certeza de que Eleanor não tinha usado sua encruzilhada para passar para o outro reino. Ele teria sentido se isso tivesse acontecido. Mesmo assim, Jack chamou Rune para ajudar, mas já era tarde demais. O vilarejo inteiro ou tinha sido consumido, ou tinha desaparecido na floresta, transformando-se em algo totalmente desumano, e teria que ser destruído.

Os dois reuniram os monstros que conseguiram encontrar ainda se esgueirando pela região. Mataram os que se recusaram a ajudar e enviaram os que cooperaram de volta para o Outro Mundo.

Antes de irem embora, Jack foi até a choupana da bruxa para conferir se havia algum sinal de Eleanor ou de sua filha, mas elas tinham partido.

Tristonho, Jack ficou lá, murmurando palavras ao vento. A luz na abóbora de Jack tremeluziu e uma rajada forte de vento desmantelou o vilarejo.

Enquanto voltava para ir se encontrar com Rune depois de colocar o vilarejo abaixo, ele avistou um feitiço de bruxa. Ergueu a lanterna e iluminou o local. Escondidos atrás do feitiço estavam um esqueleto e uma árvore morta, com letras entalhadas na madeira. Era uma palavra estranha que não significava nada em nenhuma das línguas que ele conhecia. Dizia *CROATOAN*.

Jack achou que talvez fosse melhor contar a Rune o que tinha visto, mas depois de os dois lanternas terem passado pela barreira e atravessado a encruzilhada com segurança, Jack se concentrou em se preparar para o que ele tinha certeza de que estava por vir, sua morte final. Uma brasa teria que se extinguir para fechar a rota.

– Tem um outro jeito – disse Rune, baixinho.

– Um outro jeito? – perguntou Jack. – Por que não fomos informados?

– Sinceramente, acho que a maior parte dos lanternas tem culpa das falhas em sua encruzilhada e merece que sua vida termine. Mas dá para ver que, neste caso, a culpa não foi sua. A bruxa atravessou sem o seu conhecimento.

Jack observou enquanto Rune tirava do bolso uma bolinha equipada com rodas dentadas e molas e abria a tampa que havia no objeto. Jack aceitou a bolinha quando Rune a ofereceu.

– Agora, jogue na abertura – pediu Rune.

Jack deu uma olhada dentro do recipiente e prendeu a respiração quando viu uma bracinha minúscula que soltava fumaça e dançava lá dentro.

– De quem é? – perguntou, curioso.

– Não importa – respondeu Rune. – Fique feliz por eu ter uma luz extra, assim a sua não precisa ser extinguida.

Jack chegou à conclusão de que era melhor viver com perguntas na cabeça do que morrer e conhecer as respostas, por isso jogou a bolinha além da barreira, causando um estrondo que sacudiu a terra com tanta força que Jack cambaleou e quase caiu. A luz explodiu e logo desapareceu, levando a encruzilhada consigo. Ficou um cheiro de ozônio e de enxofre no ar, e o perfume doce da magia tinha desaparecido. A encruzilhada estava fechada.

Quando Jack perguntou a Rune a respeito daquela tecnologia, a única resposta que recebeu foi que tinha sido inventada pelo benfeitor misterioso do Senhor do Outro Mundo. Mas Jack não conseguia parar de pensar em quem tinha morrido para que ele pudesse viver.

Aquele foi seu primeiro vento de bruxaria.

Jack só viu seu chefe de novo quando chamado para ajudar Rune em 1692. O pirata diabólico tinha sido enviado a uma encruzilhada em uma cidadezinha chamada Salem e mais uma vez o vento de bruxaria soprou. A única coisa que a ordem de serviço dizia era que Jack devia ajudar Rune a “controlar a situação”.

Quando Jack chegou, várias moradoras do vilarejo já tinham sido enforcadas por serem bruxas. O lanterna local não foi localizado e Rune parecia estar se deleitando enormemente em agitar os piedosos reverendos e magistrados da localidade. Quando Jack chegou, toda a cidadezinha estava assombrada por visões de demônios e bruxas. Jack perguntou a Rune quem, entre os habitantes locais, era a bruxa, e Rune deu de ombros, como se aquilo não tivesse a menor importância.

Estranhamente, Jack nunca conseguiu encontrar uma bruxa sequer e ficou se perguntando se Rune não estava guardando segredos. Independentemente de qualquer coisa, ele nunca se esqueceu da insensibilidade do chefe em ambas as situações. Ele jurou nunca mais pedir a ajuda do diabo, se possível.

Agora, lá estava ele em Hallowell, observando Ember O’Dare crescer e torcendo para que ninguém mais descobrisse a trapaça dele.

3



VALE SONOLENTO

Jack permaneceu vigilante no que dizia respeito a Ember e tomou conta dela desde que era menininha, a órfã que chegou na cidade e foi adotada pela tia-avó distante, uma mulher tão cega e surda que mal conseguia distinguir sua protegida do gato preto que sibilava para Jack toda vez que ele se aproximava.

Quando Ember descobriu a barreira mágica da encruzilhada de Jack, não tentou passar pela abertura. Em vez disso, rondou-a com os punhos na cintura e ficou olhando bem para o lugar onde Jack estava escondido, como se pudesse enxergá-lo em sua forma de árvore. Depois de uma hora, ela desistiu e voltou para a cidade.

Jack colocou avisos na entrada de paralelepípedos da ponte, mas não fazia diferença para Ember. Cheia de coragem, ela ia até o lugar pelo menos uma vez por mês e ficava escutando com atenção enquanto Jack disparava todos os artifícios em que podia pensar para espantá-la. Tinha tentado os truques de praxe primeiro: gemidos fantasmagóricos, madeira rangendo, eco de cascos batendo, corujas arrulhando e uma névoa gelada que envolvia o corpo dos mortais, mas nada funcionou.

A cada visita dela, ele acrescentava mais truques, bramidos e assovios. Depois de alguns anos, a estrada que levava à ponte abrigava um cemitério com gárgulas de pedra arrepiantes, árvores mortas que estalavam, gemiam e se quebravam, corvos que grasnavam e teias de aranha tão grossas que poderiam segurar um cavalo.

Como estava ficando sem ideias, resolveu usar seu cavalo, o garanhão negro gigantesco de olhos afogueados que ele tinha batizado de Sombra, para assustar a menina.

O cavalo enorme surgiu galopando da abertura. O vapor que saía de suas

narinas cobria o solo e seus cascos abriam sulcos fundos na terra preta e fofa. Jack pediu a Sombra que corresse atrás da menina, mas avisou que não era para lhe fazer mal. O garanhão agitou as patas no ar, deu meia-volta e saiu correndo pela estrada em uma nuvem de crina e cauda.

Horas mais tarde, contente porque fazia algum tempo que não via Ember, Jack ouviu uma risadinha e o relincho inconfundível de sua montaria assustadora. Estarrecido, ele seguiu o som e encontrou o cavalo trotando atrás da menina de dezessete anos, passando o focinho no ombro dela e estalando os lábios quando ela lhe estendeu uma maçã. Ela era encantadora, e parecia tão inocente e pura quanto uma manhã fria de outono: um pouco desgrenhada pelo vento e os lábios castanho-avermelhados. Então Jack ficou boquiaberto quando Sombra se abaixou para que ela pudesse montá-lo para uma cavalgada. Ember se acomodou no lombo dele (vestia culotes por baixo da saia) e cutucou com suas botas pretas os flancos de Sombra, sorrindo enquanto o cavalo gigantesco se erguia de maneira delicada e saía trotando na direção da pradaria.

Quando ela finalmente apeou e se dirigiu de volta ao vilarejo, Ember gritou para a floresta escura, jogando os cabelos em um gesto expansivo e um tanto quanto vitorioso:

– Obrigada por me deixar montar o seu cavalo!

Jack voltou para a ponte pisando firme, furioso. A luz em sua abóbora estalava e chiava. Quando Sombra se aproximou com a cabeça baixa, o ar de culpa, Jack disse:

– Essa deve ter sido a coisa mais ridícula que eu já vi. Você devia ter vergonha de se considerar um grande e temido garanhão do Outro Mundo. Vá para casa e pense no que fez. – E deu um tapa na traseira do cavalo.

Sombra recuou e sacudiu a cabeça, então retornou à abertura e desapareceu enquanto Jack continuava a gritar:

– E não vai ter jantar hoje à noite! Já comeu demais!



Ember lançou seu feitiço mais uma vez, pedindo às folhas murmurantes que lhe dissessem o nome de quem a observava, mas a única resposta que ouvia no vento era “Vale Sonolento”. Ela não sabia o que aquilo queria dizer, nem por que era importante, mas começou a entalhar a expressão na velha árvore caída mesmo assim e, para conseguir terminar o serviço, acendeu uma grossa vela de sebo quando a noite escureceu a pradaria.

Ela nunca sentia medo no bosque do oeste. Mesmo à noite, ela de vez em quando dormia na clareira sozinha, enrolada em sua capa. Não havia nada de nefasto nas pessoas do vilarejo, por isso ela nunca se preocupava em ser pega desprevenida ali. Ela já tinha desenvolvido a habilidade de ler mentes há bastante tempo. Na maior parte dos casos, os moradores da cidadezinha não tinham nada a esconder, a não ser um marido que de vez em quando se embriagava em segredo para evitar sermões da esposa ou alguém que cometia um leve exagero em relação à qualidade das mercadorias vendidas ou trocadas. Os habitantes do lugar tinham bom coração.

Já em relação aos animais selvagens, Ember sabia que lobos vagavam pela mata, mas ela não tinha medo de animais. Todas as criaturas da floresta com que cruzava demonstravam um interesse estranho por ela, mas não por desejarem devorá-la. Até os cavalos mais agitados se acalmavam sob suas mãos.

Além do mais, as ovelhas, as vacas, os gansos e as galinhas, inúmeros por ali, seriam uma refeição bem mais tentadora para uma matilha de lobos do que uma humana.

Desconhecidos que andassem pelos arredores normalmente representariam ameaça, ela reconhecia, mas Ember nem chegava perto das estradas que levavam à cidadezinha e sabia que nunca estava de fato sozinha, não de verdade. Seu protetor invisível estava sempre por perto.

Ela só o tinha visto uma vez.

Quando era pequena, o tinha avistado muito rapidamente quando ele passou montado em seu cavalo. Só se lembrava de um cabelo solto e revoltado tão branco quanto um raio de luar, um casaco escuro que se apertava em volta de um contorno longo e esbelto e olhos prateados que penetravam a escuridão. Nem naquela ocasião tinha ficado com medo dele. Apenas sentiu curiosidade.

Desde então, sentia a presença dele com regularidade. Às vezes sonhava com ele. Quando criança, ela o considerava um irmão mais velho. Um guardião e amigo. Alguém que sabia o que ela era, que compreendia seu poder. Ember sentia quando ele a observava e aprimorava suas habilidades com a magia na esperança de que ele aprovasse e ficasse impressionado com sua capacidade.

Quando Ember ficou mais velha e os homens do vilarejo começaram a ir atrás dela na esperança de conquistar seu amor, os sonhos com seu sentinela invisível se transformaram. Sua respiração acelerava quando ela sentia que ele estava perto e ela procurava mais oportunidades para vagar pelos caminhos que ele vigiava.

Ela não se sentia interessada por nenhum dos garotos do vilarejo. Eles eram tão fáceis de decifrar quanto folhas de chá no fundo de uma xícara ou o gosto promissor de chuva no ar. Ember não queria nada fácil. Ela queria mistério.

O que ela mais queria era que ele se revelasse. Que lhe dissesse por que tinha passado toda sua vida a observá-la das sombras. Ao notar que nada do que falava em voz alta o fazia responder, voltou-se para feitiços, mas nenhuma magia que fosse capaz de conjurar podia lhe mostrar o que ela mais queria ver.

Exausta depois de tentar mais uma vez, ela se deitou na grama perto da árvore caída em que acabara de entalhar as palavras. Ela se remexeu desconfortável por um instante, as botas roçando na barra da saia que ela puxara para cobrir as pernas, e depois girou os dedos no ar para soltar os cordões do corselete, um truque que tinha aprendido bem rápido quando chegou na idade de ter que vestir esta peça de roupa, caindo a seguir em um sono profundo.

Quando acordou com o som de esquilos tagarelando, percebeu que estava coberta e aquecida, apesar de saber que tinha esquecido a capa. Ember respirou fundo e sentiu um cheiro de couro, madeira e algo espesso e escuro, como temperos macerados. Levantou-se, se desvencilhou do sobretudo que, sem dúvida, pertencia a um homem e examinou a peça de roupa.

Pelo comprimento, ela pôde deduzir que ele era mais alto do que ela, coisa que a maioria dos homens que ela conhecia também era. O casaco era escuro, meio azulado, largo nos ombros e reto até a cintura, abrindo-se um pouco na parte de baixo. Os botões eram de marfim ou osso esculpido, elaborados com primor e pintados para parecer que exibiam sorrisos maliciosos e olhos fundos. Ela tirou as folhas que ficaram presas ao tecido e deslizou a mão pelo forro, apreciando a textura sedosa.

Aguçando seus sentidos, ela não o detectou por perto no momento. Enquanto Ember mordida o lábio, seu estômago roncava de fome. Ela se lembrou de que o Samhain começava naquela noite. Isso significava que a celebração da colheita logo estaria a todo vapor e ela tinha muito o que fazer, já que sua escola supervisionava as festividades. A tia dela estaria sentindo sua falta.

Ember cortou caminho pelo pomar de macieiras e acenou para os homens que tinham acordado cedo para colher as frutas maduras, lembrando-os de separar um caixote para ela, para suas provisões de inverno. Ember ficou com água na boca ao pensar na famosa torta de maçã da tia servida com uma caneca de leite morno, espumante e com creme por cima. Ela gostava de derra-

mar o leite bem em cima da torta fervilhante para que a massa doce absorvesse todo o creme e o líquido espesso preenchesse todas as rachaduras da torta.

Quando Ember chegou ao já conhecido caminho calçado com paralelepípedos, ela se abaixou por entre os arbustos, que precisavam de uma poda, e foi avançando com rapidez, ignorando os corvos que grasnavam, o vento que gemia e as luzes que tremeluziam no intuito de espantá-la.

Depois que Ember chegou à ponte, pigarreou e falou bem alto:

– Obrigada por me emprestar seu casaco, meu bom senhor. Muito grata por isso.

Ela dobrou a peça de roupa com cuidado e a colocou em cima de uma mureta de pedra. A seguir, chutou a terra com a ponta da bota e continuou:

– Então, hoje à noite o vilarejo vai celebrar o Samhain e a colheita. Se for de seu gosto, eu ficaria contente de lhe oferecer uma caneca de sidra e uma refeição em agradecimento ao uso do seu casaco. Ouvi dizer que a velha Viúva Mead vai fazer pudim de pão de groselha com calda de caramelo.

Não houve qualquer resposta além das folhas que se agitaram a seus pés, mas Ember sabia que ele estava perto, escutando.

– Bom, faça como quiser, mas quero que saiba que será bem-vindo.

Ao dizer isso, Ember fez uma mesura sem jeito, deu meia-volta e saiu marchando a passos rígidos pelo caminho, na direção de casa.

CONHEÇA OS LIVROS DE COLLEEN HOUCK

SÉRIE A MALDIÇÃO DO TIGRE

A maldição do tigre

O resgate do tigre

O destino do tigre

O sonho do tigre

A promessa do tigre

SÉRIE DEUSES DO EGITO

O despertar do príncipe

O coração da esfinge

A coroa da vingança

O duelo dos imortais

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

